



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A CONSTITUIÇÃO DO SER PROFESSORA: O OLHAR DE QUEM ENSINA MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Francisca Terezinha Oliveira Alves; Luciano Moreira da Silva Junior

Universidade Federal da Paraíba

ftoalves@yahoo.com.br; juniorcomjc@yahoo.com.br

Este texto se propõe a apresentar resultados de uma entrevista coletiva realizada com professoras que ensinam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É um recorte de uma pesquisa mais ampla que foi realizada com professores de escolas públicas municipais da cidade de Mamanguape/PB. A questão norteadora da entrevista coletiva foi o que é ser professora a partir dos estudos/discussões empreendidas no grupo, que discutiu conteúdos e metodologias para o trabalho com a Matemática nos anos iniciais. A realização da entrevista coletiva se deu em um grupo de estudo e para efeito do presente texto foram selecionadas falas de cinco professoras no que se refere a percepção delas sobre o que é ser professora. A partir das falas ficou evidenciada a importância dos estudos e das discussões realizadas no grupo como um meio para se discutir coletivamente a formação e também o caráter de permanente processo de aprendizagem das professoras.

Palavras chave: Professora, Matemática, Grupo Colaborativo.

1 Introdução

O presente texto se propõe a apresentar dados de uma pesquisa realizada com professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais da cidade de Mamanguape/PB. Pensarmos sobre o processo formativo da professora que ensina nos anos iniciais e principalmente no que se refere aos conteúdos matemáticos foi o foco de nossa pesquisa, e a qual os resultados são apresentados nesse texto.

Tal pesquisa fez parte de uma mais abrangente na qual se tratou de investigar o processo de resignificação do currículo de Matemática por professoras que ensinam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa pesquisa maior teve financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e teve a participação de 54 professores atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental que integram o quadro pedagógico das escolas públicas municipais de Mamanguape/PB, divididas em dois grupos de estudo. Para o desenvolvimento de toda a pesquisa foram organizados dois grupo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de estudo de caráter colaborativo com encontros quinzenais que se realizavam em uma escola municipal e neles foram estudados/discutidos conteúdos, metodologias, atividades e encaminhamentos sobre a Matemática objetivando a ressignificação do currículo pelas professoras participantes.

Para o presente texto realizamos um recorte do todo que foi visto tomando um dos instrumentos de coleta de dados, que foi uma das entrevistas realizadas com um dos grupos de estudo. A questão central foi: o que é ser professora a partir dos estudos/discussões empreendidas no grupo? Essa é uma indagação importante que nos remete a pensar o percurso de formação de professores que ensinam nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, particularmente no que se refere ao trato com os conteúdos matemáticos. Partimos do entendimento de que todo professor tem a formação como algo primordial para que possa se identificar com a profissão e encontrar meios de atuação adequados e condizentes com a sua prática cotidiana.

No que se refere a profissão de professor, encontramos na atuação dos anos iniciais do Ensino Fundamental uma predominância do sexo feminino. Não é nossa finalidade tratar das questões de gênero aqui, mas chamarmos a atenção para que possamos usar a partir de então, a expressão “professoras”, já que a nossa pesquisa se deu em um grupo composto essencialmente por professoras.

A indagação principal que norteou nosso trabalho foi: O que é ser professora a partir dos estudos/discussões empreendidas no grupo? Como a professora que ensina Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental se constitui como tal? Em nossa compreensão, ser professora é antes de tudo ser alguém dotada de saberes, identidade e fazeres próprios de uma profissão. Esta profissão traz em seu bojo a necessidade do sujeito perceber que para atuar profissionalmente demanda a constituição desses saberes e fazeres. Para Sarmiento (1994, p. 38), a profissão é conceituada como “o desempenho de uma atividade humana, apoiada num saber e em valores próprios, possuidora de atributos específicos e como tal reconhecida pelo todo social e confirmada pelo Estado”.

2 O processo vivenciado: alguns olhares

Falar sobre o que é ser professora e como se constitui profissionalmente se faz necessário



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

buscar aporte em teóricos que discutem tal temática. Para tanto, Nóvoa (1991), quando discute a questão do ser profissional-professor, diz que a formação é categoria essencial para a tal constituição. Além da formação este autor aponta outros pontos importantes neste processo, tais como: o exercício da atividade em tempo integral, suporte legal para exercer a profissão, a formação de associações de classe, um conjunto de normas e valores, e o corpo de conhecimentos e de técnicas de instrumentação do profissional. São estes pontos em conjunto que dão ao professor o status da profissionalização.

Enguita (1991), também falando sobre a profissão do professor, aponta cinco categorias inerentes ao profissional docente, a saber: competência, licença, vocação, independência e auto-regulação. Estas categorias dizem respeito ao que o professor necessita atingir para a sua profissionalização docente. Vejamos.

A competência se refere à identidade política e técnica do professor e lhe é dada através de sua formação específica. É nesta formação que o professor tem acesso a um arcabouço de conhecimentos necessários ao exercício profissional.

A licença é adquirida no momento que a pessoa torna-se professor. É o que lhe confere o direito de ensinar baseado em sua formação adquirida.

Outra categoria proposta por Enguita (1991) é a vocação que está relacionada à dedicação e abnegação ao apostolado; é uma visão sacerdotal da profissão.

Brzezinsky (2002, p. 16) faz a observação de que a vocação “[...] é um conceito socialmente construído, que se consolida na preparação profissional mediante a formação inicial e continuada”. É um ponto de vista que vai de encontro do que seja a vocação proposto por Enguita (1991). Ao nosso ver, para atuar, o professor se constrói como sujeito profissional sem necessariamente ter uma atuação sacerdotal para tal.

Independência é abordada pelo autor como sendo a autonomia própria da profissão de professor. A esse respeito Brzezinsky (2002) comenta que essa independência é parcial em virtude do professor ser contratado para receber salários e ser mal-remunerado por seus serviços.

A categoria auto-regulação diz respeito ao modo como os professores regulam a ação de seus pares, a partir de uma identidade construída e na solidariedade grupal. Brzezinsky (2002) faz a observação que no caso do Brasil é o Estado quem regula a profissão dos professores, pois é



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

responsável pelo registro, reconhecimento da profissão e a licença para o exercício profissional. A autora cita ainda que esta regulação deveria ser uma atuação da própria categoria, mas que ainda é uma realidade distante em virtude de corporativismo de segmentos desta categoria. Mesmo diante do quadro de semi-profissionalismo dos professores (termo usado pelos autores), estes se encontram em um processo de busca de uma identidade coletiva, que está se desenvolvendo de dentro para fora desta categoria, está sendo construída pelos sujeitos atuantes em educação.

Ao trazermos os aportes de tais autores queremos exemplificar a necessidade de entendimento do que seja a profissão de professor e o que a constitui, o que a orienta. Sabemos das imensas dificuldades que ainda persistem no que se refere tanto a formação inicial desenvolvida nas instituições formadoras quanto da formação continuada que se dá, após o processo formativo inicial. No entanto, salientamos ser essencial que se possa empreender ações formativas que considerem os saberes que os professores lidam cotidianamente em sua prática docente.

Assim, compreendemos que experienciar ações formativas nas quais haja a consideração daquilo que os professores sabem e espaços para que eles possam compartilhá-los, é bastante salutar. Essa foi a concepção de formação que perpassou todo o trabalho empreendido nos dois grupos colaborativos.

A ideia de se formar grupos colaborativos passa pela participação de seus integrantes de forma igualitária e que todos estejam dispostos a colaborar um com o outro no sentido de viabilizar o crescimento do grupo e ao mesmo tempo de cada um. Implica que se veja a organização, se pense coletivamente o que irá estudar, que se decida os dias e os encontros, ou seja, pressupõe um planejamento coletivo. Há também a considerar que um grupo colaborativo é pautado na identificação dos participantes com o que se vai estudar/discutir e a socialização de experiências e objetivos comuns.

Destacamos que o processo de organização dos grupos se deu a partir de convites realizados aos professores das escolas públicas municipais de Mamanguape. Ao se realizar o convite, foi fazer parte quem realmente se identificou com o que estava sendo pensado. A participação se deu por vontade, desejo de aprender, de partilhar, de contribuir e ao mesmo de formação profissional. Nos encontros, o foco foi uma discussão geral sobre a Matemática, na qual foram discutidas questões

gerais sobre o currículo, modos de aprender e ensinar Matemática, materiais didáticos que podiam ser utilizados em aulas, jogos e atividades diversas.

3 A metodologia da pesquisa

Para acompanhar o desenvolvimento dos grupos fizemos escolhas a partir de aportes que perpassam a formação de professores, a definição de instrumentos de coleta de dados que pudessem evidenciar a riqueza do olhar das professoras participantes dos grupos e o uso da perspectiva interpretativa (PONTE, 2005); (MOREIRA, 2003), foi uma possibilidade de vivenciarmos uma pesquisa que considerasse estes aspectos.

Na perspectiva interpretativa é possível o investigador fazer uma observação em que participa ativamente de todos os momentos; faz anotações sistemáticas através de instrumentos de coleta e gravações; faz também recolha de materiais diversos como, por exemplo, os produzidos pelos professores.

Dos diversos instrumentos usados na pesquisa como um todo, escolhemos uma das entrevistas para apresentar aqui. De acordo com Kramer (2002), a entrevista coletiva é o momento do diálogo coletivo entre os colaboradores da pesquisa, onde ocorre a exposição de suas opiniões, das expectativas, dos acertos, dos erros, das dificuldades e da escuta ao outro. A entrevista coletiva possibilita uma situação dialógica rica, com análises profundas da prática de cada participante. A entrevista coletiva proporciona que os participantes discutam/debatam coletivamente uma mesma temática, reflitam e exponham suas opiniões, ao mesmo tempo que escutam o outro em seus dizeres.

De uma das entrevistas realizadas destacamos a questão central que perpassou o encontro: o que é ser professora a partir dos estudos/discussões no grupo? Para nós, enquanto pesquisadores, queríamos entender a percepção das professoras participantes dos grupos sobre a própria profissão e sobre o que faziam cotidianamente. A partir de tal indagação, de forma coletiva, elas foram falando



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de si, se colocando sobre o que pensavam da própria profissão e o que ensinavam, no caso os conteúdos matemáticos, pois eram o foco do processo formativo.

Salientamos que a entrevista coletiva foi realizada com um dos grupos e no dia estavam presentes 23 professoras. Do total, fizemos o recorte da fala de cinco professoras para expor no presente texto. As cinco professoras foram denominadas por **P1**, **P2**, **P3**, **P4** e **P5**.

Tendo por norte a questão central: o que é ser professora, a partir dos estudos/discussões do grupo de estudo, passaremos a expor a percepção das cinco professoras.

A professora **P1** afirma: “Ser professora é ensinar e aprender. Estou aprendendo a aprender, em uma grande redescoberta, pois descobri o verdadeiro sentido da Matemática, que é o ponto primordial de todas as vivências”. A fala da professora **P1** nos indica um ponto bastante positivo: a ideia de que ser professora é ensinar, mas também aprender. Salientamos que está em permanente processo de aprendizagem é primordial para a professora.

A professora **P2** respondeu: “Cada encontro me trás novos conhecimentos que estão melhorando bastante meus métodos de ensinar a Matemática. Vou me formando a cada dia”. Essa professora nos chama a atenção para o fato de que está se formando a cada dia. Essa é uma prerrogativa essencial na profissão de professor: ter a clara noção de que precisa se formar, se atualizar constantemente. E os estudos e as discussões vivenciadas no grupo tem possibilitado a essa professora tal perspectiva.

A professora **P3**, nos diz que: “As discussões são proveitosas, pois tiramos nossas dúvidas de determinados conteúdos e ao mesmo tempo vamos aprendendo novas coisas. Vou sendo uma nova pessoa em sala”. Essa professora nos chama a atenção para o fato de que aprender no grupo de estudo lhe possibilita coisas novas e a faz ser uma outra professora. Ela nos aponta a questão do ser professora centrada também na aprendizagem de novos conteúdos, novos conhecimentos, novos saberes.

Já professora **P4**, nos fala que: “Sim, me torno uma nova professora a cada dia. Só tenho a dizer que para mim, os conteúdos trabalhados têm ajudado bastante nas minhas atividades diárias. Eu aprendi como trabalhar melhor a Matemática no dia-a-dia de cada aluno”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A professora **P4** nos fala que tem aprendido a ser uma nova professora a cada dia. Fato que segundo suas palavras, se deve ao que vem sendo estudado no grupo. Ela nos chama a atenção para a questão dos conteúdos matemáticos estudados nos encontros e o quanto isto tem lhe ajudado a melhorar o que ensina de Matemática aos seus alunos.

A professora **P5** também destaca que houve mudança em sua percepção sobre a Matemática e ainda faz a ressalva para o caráter colaborativo do grupo de estudo. Vejamos o que diz a professora. “Sim. Mudou minha percepção a respeito do conhecimento matemático”. Nós trabalhamos em parceria, companheirismo e um ajudando o outro”.

Ajudar o outro, trabalhar em parceria, partilhar conhecimentos e saberes é a essência de um grupo colaborativo. É a interação entre os colegas, um ajudando o outro em seus processos de aprender e de ensinar. É como nos diz Pimenta (2002), é um refletir coletivo para evitar o isolamento da profissão e do professor em sua sala de aula.

4 Considerações sobre o que foi vivido

Ao pensar nas cinco professoras que apresentamos suas percepções no presente texto, retomamos a questão central: o que é ser professora a partir dos estudos/discussões do grupo de estudo? Tentamos responder a esta indagação tomando como parâmetro as particularidades e singularidades expressas em suas falas. Foi possível observar como essas professoras participantes se apresentaram como profissionais docentes. Elas, ao falarem sobre o cotidiano dos encontros do grupo de estudo, foram apresentando suas trajetórias de ação, seus saberes, seus fazeres e angústias inerentes à sua profissão. Foram socializando como se constituíam enquanto sujeitos que buscavam compreender questões que são próprias ao modo de agir profissional.

Tais professoras expressaram seus pensamentos e apresentaram as percepções sobre como o grupo de estudo se tornou um espaço de formação para elas e também um espaço para que pensassem sobre a própria condição do ser professora; do ser professora que ensina Matemática. Foi também um espaço para estudar Matemática e para fazer melhor em seu cotidiano como professora.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Também podemos destacar que essas professoras expressaram em suas falas seus saberes. Saberes experienciais, vividos no cotidiano de sala de aula; saberes disciplinares ressignificados pelos estudos em Matemática; saberes da formação quando expressam que aprenderam e que ensinam melhor. São saberes docentes que foram ressignificados (TARDIF, 2003).

Do todo vivido no grupo e expresso nas falas das cinco professoras, podemos dizer que a resposta a indagação inicial sobre o que é ser professora, a partir dos estudos/discussões do grupo de estudo, tem a sua essência em: ser professora, é ser alguém que se dispõe a aprender e que aprende cotidianamente quando ensina aos seus alunos; quando partilha com colegas de profissão e quando entende que a formação é um processo contínuo e inconcluso

Referências

BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor**: identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano Editora, 2002.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A ambigüidade da docência entre o profissionalismo e a proletarização**: teoria e educação. Porto Alegre: Pannonica, n. 4, 1991, p.41-61.

KRAMER, Sonia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa; KRAMER, Sonia; SOUSA, Solange Jobim. (Org.) **Ciências humanas**: leituras de Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

MOREIRA, Marco Antônio. **Pesquisa em ensino**: Aspectos metodológicos. Porto Alegre: Instituto de Física: UFRGS, 2003.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um Conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PONTE, João Pedro da. O interacionismo simbólico e a pesquisa sobre a nossa própria prática. In: **REVISTA PESQUISA QUALITATIVA**. São Paulo: SE&PQ, ano 1, nº 1, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A vez e a voz dos professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO